

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro



Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online

Doutorado
PPgEnfBio

PPCENF

ISSN 2175-5361
DOI: 10.9789/2175-5361

PESQUISA

Saúde e trabalho de pescadores artesanais da comunidade Cassinú-RJ, Brasil:

(in) visibilidade social e luta pelo reconhecimento

Health and work of cassinu community fishermen, in Rio de Janeiro, Brazil: social (in) visibility and struggle for recognition

Salud y trabajo de los pescadores de la comunidad de embarcaciones Cassinú-RJ, Brasil: (in) visibilidad y lucha social para el reconocimiento

Crystiane Ribas Batista Ribeiro ¹, Vera Maria Sabóia ², Dayane Knupp de Souza ³

ABSTRACT

Objective: to discuss the health and work of artisanal fishermen from the fishing village of Gradim Z-08, in Cassinu community. **Method:** field research, of quantitative and qualitative nature, carried out from January to May 2013 with artisanal fishermen from a village located in Cassinu community-RJ. **Results:** 35 fishermen were interviewed, prevalently aged between 40 and 55 years old; 34.3 % had completed primary school, 42.9 % received monthly income between 1 and 2 minimum wages, 71.4 % used PPE partially and 91.4% had suffered some injury in the profession. It was identified, through testimonials and local observations, that they faced precarious working conditions and risks associated with environmental pollution. **Conclusion:** this study showed that there are risks of injury and contamination by microorganisms in water arising from partial use of PPE, poor housing conditions and ineffective sanitation. These conditions are aggravated by lack of labor protection, informality of artisanal labor, low education and low income from the activity. Nurses and other health professionals should worry about the "invisible" populations, developing actions and investigations that generate reflections on strategies that promote improvements in education and health. **Descriptors:** Working conditions, Environmental pollution, Nursing.

RESUMO

Objetivo: discutir as condições de saúde e trabalho de pescadores artesanais da colônia de pescadores do Gradim Z-08, na comunidade Cassinú. **Método:** pesquisa de campo, de caráter quanti-qualitativo, realizada no período de janeiro a maio de 2013, com pescadores artesanais de uma colônia situada na comunidade Cassinú-RJ. **Resultados:** foram entrevistados 35 pescadores com faixa etária prevalente entre 40 e 55 anos, sendo que 34,3% estudaram até o Ensino Fundamental 1, 42,9% recebem renda mensal entre 1 e 2 salários mínimos, 71,4% utilizam EPIs de forma parcial e 91,4% sofreram algum ferimento na profissão. Identificaram-se, pelos depoimentos e observações locais, precárias condições de trabalho e riscos associados à poluição ambiental. **Conclusão:** o estudo demonstrou que há riscos de ferimentos e contaminação por microrganismos na água pela utilização parcial de EPIs, más condições habitacionais e saneamento ineficaz. Essas condições são agravadas por falta de proteção trabalhista, pela informalidade do trabalho artesanal, baixa escolaridade e baixa renda obtida com a atividade. Além disso, alertou para que enfermeiros e outros profissionais da saúde se preocupem com as populações "invisíveis", desenvolvendo ações e investigações que gerem reflexões sobre estratégias que favoreçam melhorias na educação e saúde. **Descritores:** Condições de trabalho, Poluição ambiental, Enfermagem.

RESUMEN

Objetivo: discutir las condiciones de trabajo de los pescadores artesanales de la colonia de pescadores de Gradim Z-08, en la comunidad Cassinú. **Método:** estudio de campo de carácter cuantitativo y cualitativo realizado en el periodo de enero a mayo de 2013, cuyo escenario fue la colonia de pescadores de la comunidad ubicada en Cassinú, RJ. **Resultados:** 35 pescadores fueron entrevistados frecuentes con la edad entre los 40 a 55 años, 34,3% tenía nivel de estudios primarios 1, el 42,9% recibe ingresos mensuales entre 1 y 2 salarios mínimos, el 71,4% utiliza el PPE parcialmente, 91,4% sufrió alguna lesión en la profesión. Fue identificado por testimonios y observaciones locales, precarias condiciones de trabajo y los riesgos asociados a la contaminación del medio ambiente. **Conclusión:** el estudio pone de relieve el riesgo de lesiones y la contaminación por microorganismos en el agua por el uso parcial de PPE, malas condiciones de vivienda, saneamiento ineficaces. Estas condiciones se agravan con la falta de protección laboral, la informalidade de la artesanía, el bajo nivel educativo y bajos ingresos de la actividad. **Descriptor:** Condiciones de trabajo, La contaminación ambiental, Enfermería.

¹ Enfermeira do Trabalho. Mestre em Ciências do Cuidado em Saúde pela Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa - UFF/ RJ, Brasil. E-mail: crystiane.ribas@gmail.com ² Enfermeira. Professora Doutora Titular da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa - UFF/ RJ, Brasil. E-mail: verasaboia@uol.com.br ³ Enfermeira. Graduada pela Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa - UFF/ RJ, Brasil. E-mail: dayaninhaknupp@gmail.com

INTRODUÇÃO

O Gradim, um dos bairros do município de São Gonçalo-RJ, concentra um grande contingente de pescadores artesanais na colônia de pescadores Z-08 que desenvolve atividades pesqueiras na Baía de Guanabara. O bairro registrou intenso crescimento populacional nos últimos anos e, a exemplo do que ocorre em tantas outras no Brasil, seguiu o modelo de ocupação desordenada que compromete os recursos naturais, muitas vezes já escassos ou inexistentes.

O pescador artesanal é o profissional que, devidamente licenciado pelo Ministério da Pesca e Aquicultura, exerce a pesca com fins comerciais, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parcerias, desembarcada ou com embarcações de pequeno porte.¹

Na história da Baía da Guanabara, o pescador artesanal assoma como uma categoria de refugiados, a qual se compunha por homens que eram escravos recém-libertos ou fugidos e que se tornavam marisqueiros, pescadores e lenheiros nos mangues da região, tornando-se invisíveis e desconsiderados.²

A situação atual da classe parece não ter sofrido grandes mudanças. Para o pescador artesanal, admite-se uma relação de informalidade com o trabalho. Um fenômeno social que se encontra em praticamente todo o mundo capitalista. Todavia, assume dimensões de maior proporção nos chamados países de capitalismo periférico, como o Brasil.

A condição informal é aquela em que o trabalhador executa um trabalho que não é trocado por capital e não contribui diretamente para aumentar o capital, ou que não possui um vínculo de trabalho regulamentado.³ Compreende tanto atividades e formas de produção não tipicamente capitalistas - legais ou ilegais - quanto relações de trabalho não registradas, mesmo que tipicamente capitalistas. As pessoas que se vêm incluídas nessa problemática são, geralmente, de menor escolaridade, de baixa qualificação profissional, negros, jovens e mulheres.⁴

A precariedade da legislação trabalhista específica para o setor pesqueiro estimula a conivência entre o pescador e o armador no desrespeito à legislação, agravando a ausência da cobertura assistencial e social aos pescadores. O pescador, assim, precisa usar de sua criatividade para “driblar” a falta de recursos. Muitos aprendem a fazer suas próprias redes e consertos em seus barcos.⁵

Outro fato importante a ser evidenciado é que a atividade pesqueira, outrora praticada por um número restrito de pescadores artesanais em um ambiente aquático com grande diversidade de pescado disponível, é prejudicada pela poluição ambiental atual.

A Baía de Guanabara comporta o segundo maior complexo industrial e o segundo maior centro demográfico do país⁶, sendo considerado um dos ambientes mais poluídos do litoral brasileiro.⁷ Além da contribuição industrial, a Baía recebe uma expressiva quantidade de poluição de matéria orgânica e inorgânica de origem doméstica da região metropolitana do Rio de Janeiro e municípios adjacentes. Um estudo recente realizado na porção sudoeste da Baía de Guanabara ratifica a acumulação recente de esgotos e de matéria orgânica fitoplanctônica como consequência do processo de eutrofização do sistema citando a ação antrópica como indutora da alteração do equilíbrio natural do sistema como um todo.⁸

Entende-se que o impacto ecológico em decorrência da poluição aquática pode produzir como consequência o desequilíbrio de todo um ecossistema e contribuir para a disseminação de diversos microrganismos, afetando as condições de trabalho e saúde de diversos pescadores que têm na pesca sua principal fonte de renda.

Assim, o presente artigo tem como objetivo discutir as condições de trabalho de pescadores artesanais da colônia de pescadores do Gradim Z-08, na comunidade Cassinú.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa de campo de caráter quanti-qualitativo com uma amostra aleatória de 35 pescadores que residem na colônia de pescadores do Gradim Z-08, na comunidade Cassinú (Figura 1), município de São Gonçalo-RJ, realizada no período de janeiro a maio de 2013.

Utilizou-se a entrevista semiestruturada como técnica de coleta de dados, optando-se pelo formulário como instrumento. Além de informações obtidas por líderes das associações de pesca e moradores, observações do local e do processo de trabalho.

Antes do início das entrevistas, foi realizado um teste-piloto por meio da aplicação do formulário com um pescador residente no entorno do rio Maribondo, próximo à colônia, com vistas à sua aplicabilidade. Optou-se pela aplicação desse instrumento, uma vez que foi constatada, por estudos prévios, a baixa escolaridade do grupo pesquisado, o que provavelmente inviabilizaria a aplicação de um questionário autoaplicável. Percebeu-se a necessidade de redução dos itens, pois estava excessivamente longo, com tempo superior a 40 minutos, o que gerou aparente desinteresse do pescador durante a entrevista.

Figura 1. Colônia de Pescadores da Comunidade Cassinú (Gradim, São Gonçalo - RJ)



Inicialmente, encontramos certa dificuldade, pois percebemos que os pescadores estavam dormindo no horário em que chegávamos ao local, já que trabalhavam durante a noite e madrugada. O presidente da associação se inteirou do instrumento a ser aplicado e mediou esse processo, sugerindo que agendássemos uma data específica para o início da coleta dos dados na própria associação. Assim, elaboramos cartazes para divulgação desse encontro, e ele se encarregou de fixá-los em lugares estratégicos da comunidade, além da divulgação corpo a corpo. Assim, as entrevistas aconteceram na associação de moradores. Todavia, em virtude do baixo quantitativo no primeiro dia de coleta, por orientação dos pescadores, as entrevistas passaram a ocorrer no próprio local de descarregamento do pescado no momento de leilão, por volta das seis da manhã.

Os pescadores, após o convite e concordância em participar da pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo-lhes informado o objetivo da pesquisa, condições de participação e preservação do anonimato dos participantes. Os pescadores foram identificados com a letra “P”, inicial da palavra pescador, seguida do número sequencial da entrevista, a fim de preservar o anonimato das colocações feitas por eles. Obtivemos assim: P1, P2, P3, P4, P5,..., P35.

Os dados foram sistematizados no aplicativo SPSS, versão 20, por meio de análise estatística simples. A opção por entrevista semiestruturada permitiu maior participação desses trabalhadores, com relato de suas experiências e dos problemas que ocorrem no dia a dia, facilitando a compreensão de maneira mais efetiva das suas condições de trabalho e singularidades da atividade pesqueira desenvolvida por eles na Baía de Guanabara. Dessa forma, a análise dos dados baseou-se em aspectos legais e íntimos das relações sociais, aspectos culturais e sentimentos verbalizados durante as entrevistas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados 35 pescadores homens com idade entre 24 e 68 anos, com prevalência da faixa etária entre 40 e 55 anos. O número reduzido de pescadores mais jovens pode ser atribuído a maior possibilidade de estar engajados em outras atividades laborais.

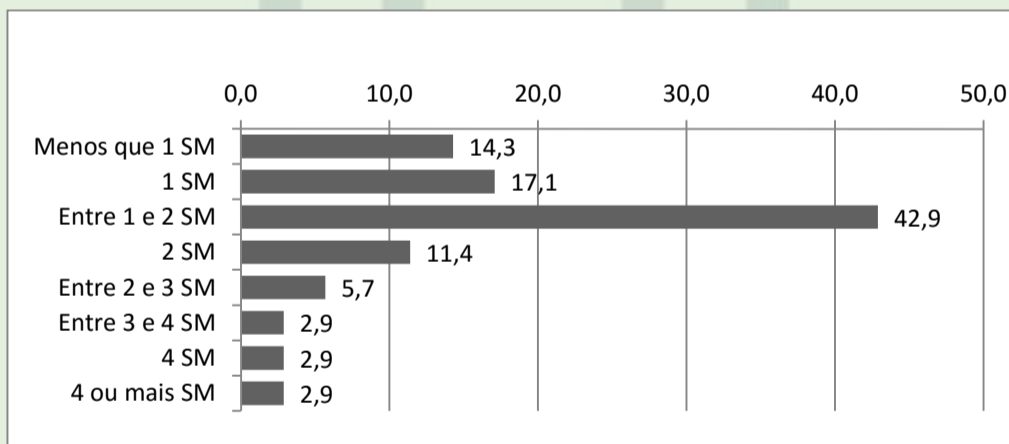
Notou-se também uma prevalência do gênero masculino na atividade pesqueira da região, provavelmente pelo esforço físico exigido na captura e remoção do pescado das embarcações. Todavia, existem estudos sobre mulheres que atuam na atividade pesqueira em outras regiões do Brasil. Em um desses estudos, constatou-se a participação de mulheres na atividade de separação dos siris e camarões dos cardumes, além de descascarem camarões e desfiarem siris, não participando, contudo, do ato da pesca, comercialização e instâncias que discutem a pesca. A pesquisa chama a atenção para o sentimento por parte das processadoras, de desvalorização e invisibilidade da atividade laborativa no âmbito da pesca, além da impotência diante da degradação ambiental e consequente redução da matéria-prima.⁹ Tais aspectos também ficaram evidentes na pesquisa em tela.

Outro fato importante a ser ressaltado foi a presença de 4 pescadores com idade igual ou superior a 60 anos, um deles com 68 anos de idade. Provavelmente, esses trabalhadores permanecem em pleno exercício para complementarem a renda da aposentadoria. Os pescadores idosos precisam fazer um esforço extra, pois, apesar das alterações fisiológicas em decorrência do envelhecimento, precisam tentar manter o mesmo ritmo de trabalho dos mais jovens.

Foi identificada ainda a baixa escolaridade entre os pescadores, sendo que 63% possuem até o primeiro grau incompleto; 34,3% possuem até o Ensino Fundamental 1 completo, 5º ano, e 12% são analfabetos.⁵ Os analfabetos estão distribuídos em todas as faixas etárias, inclusive entre os mais jovens. Esse percentual ainda pode ser mais alto, visto que muitos dos que assinam seu nome não sabem ler. Para eles, a melhoria de vida está relacionada a uma melhor educação, ou seja, um futuro melhor.⁵

A baixa escolaridade, além de reduzir a possibilidade de trabalho com carteira assinada, aumenta as chances de desconhecimento sobre o cuidado em saúde e doenças veiculadas pela água contaminada. Pode também dificultar a articulação dessa classe de trabalhadores para a luta por melhorias nas condições de trabalho e saúde. Assim, eles se veem “obrigados” a assumirem uma postura de submissão às questões políticas relacionadas à pesca artesanal, se adequando à realidade de vida em que estão inseridos.

Gráfico 1: Distribuição proporcional dos pescadores segundo renda, por salário mínimo (N=35)



Considerando o valor do salário mínimo (SM) no ano de 2013 de R\$678,00, conforme Guia Trabalhista (2013), o Gráfico 1 aponta que 42,9% dos pescadores têm uma renda mensal entre 1 SM e 2 SM. Apenas 25,8% dos pescadores entrevistados recebem renda mensal superior a 2 SM (R\$1.344,00), em uma realidade média de 3,4 dependentes. Tal fato deixa evidente a difícil situação financeira que vivenciam. A baixa renda dificulta ou quase que torna inviável a manutenção de uma família em condições dignas, mesmo para aqueles que desejam. Muitos demonstraram clara indignação com a renda que recebem: “Pescador ganha muito pouco”. (P14) “... Se tivesse condição de pagar um bom estudo, melhor: área médica, advogado”. (P1) “Gostaria de sair pra tentar outra coisa. Hoje, o pescador não tem um carro, conta no banco, uma profissão que não te dá retorno”. (P13)

Por outro lado, as entrevistas permitiram reconhecer que alguns pescadores valorizam a atividade pesqueira e gostam de exercê-la pela possibilidade de liberdade inerente à

profissão. A liberdade de “ir e vir”, sem dever submissão ao patrão e sem estar “preso”, conforme o trecho a seguir: *“Vivo livre, vou na hora que quero”*. (P3)

A pesca em diversos outros cenários tem se revelado uma profissão que passa de pai para filho. Na comunidade pesquisada, a maior parte dos pescadores também aprendeu a profissão com o pai (31,4%). Assim, iniciaram na pesca ainda na infância, e alguns relataram que, quando adolescentes, deixavam de ir à escola para ajudar o pai na pesca e, assim, ganharem um “trocado”. Os pescadores participantes do estudo exercem a profissão há um tempo médio de 21,5 anos, sendo o mínimo de 2 anos e o máximo de 40 anos.

Entretanto, percebeu-se que para a nova geração as coisas serão diferentes. Quase 100% dos entrevistados afirmam que não desejam que os filhos sigam a mesma profissão, o que pode ser exemplificado nos seguintes discursos: *“Não. Nunca incentivei, meu filho de 21 anos não sabe nem remar. Não tem expectativa. Muita poluição, escassez de peixe”*. (P13) *“Não. Hoje tenho outra visão. Eles têm que estudar para conhecer outro mundo, o mundo é informatizado”*. (P7)

No que se concerne à habitação, os pescadores, em sua grande maioria, moram em casa própria (82,9%) à margem da Baía de Guanabara, o que facilita o acesso ao local de trabalho e isenta esses trabalhadores de custos com transporte para o trabalho. As casas são simples e inacabadas. É difícil o alcance de água encanada nas casas mais próximas à margem, pois há falta de saneamento básico. Os fundos do quintal de algumas casas constituem uma espécie de continuidade da Baía. Assim, muitos pescadores deixam seus caícos no próprio quintal e, ali mesmo, preparam os materiais que utilizam na pescaria, como redes, anzóis, recipientes de isopor e outros apetrechos.

Quando questionados sobre o perigo da profissão e a segurança das embarcações, a maioria os associou às questões climáticas e ao risco de colisão com embarcações maiores à noite: *“O tempo que fica em alto mar. É sair e pedir a papai do céu para proteger e ir em frente”*. (P1) *“A gente tá em área de risco. Risco do navio passar por cima, perde rede direto”*. (P6) *“A gente sai pra pescar, mas não sabe se volta, pode bater em pedra, navio, dormir no leme, temporal”*. (P13) *“É sacrificante e perigosa. Pra você ter uma ideia, meu irmão se afogou num temporal”*. (P28)

Em relação à jornada de trabalho, verificou-se uma média de 11,8h, sendo o mínimo de 7 horas e o máximo de 15 horas.

Durante as entrevistas, muitos pescadores disseram que saem para pescar à tarde e só retornam ao amanhecer para a venda do pescado. Quando terminam o período de venda, caso necessário, utilizam o período da manhã também para consertos de equipamentos e preparação do material para a próxima pesca. Devido ao fato de permanecer um longo período em alto mar, os pescadores estão sujeitos a acidentes por alterações climáticas inesperadas, como tempestades. Como já pescam há anos e, portanto, têm muita experiência no que fazem, alguns pescadores saem para pescar sozinhos, sem ajudantes, ao contrário da maioria. Isso aumenta ainda mais o risco de acidentes por eventuais contratemplos, mas, em contrapartida, não precisam dividir a baixa renda com um ajudante.

Os pescadores ganham por dia de trabalho, dependendo da quantidade e do tipo de pescado. Quando chegam da pesca, o pescado é disposto em caixas para o início do leilão. Os atravessadores estipulam um preço bem abaixo do encontrado nos mercados. Como não têm

como realizar o transporte e o armazenamento da mercadoria para conseguirem a venda por um melhor preço nos grandes mercados, os pescadores se submetem ao preço ofertado pelos atravessadores. Assim, o pescado é vendido por um preço muito aquém do que os atravessadores vendem para os mercados e feiras livres.

Em relação à utilização de protetor solar, 77,1% dos pescadores não utilizam protetor solar. Além disso, dos 22,9% que utilizam, o fazem apenas parcialmente. Assim, apesar dos pescadores estarem durante parte da jornada de trabalho em exposição direta ao sol, poucos utilizam protetor solar.

São apontados diversos motivos para a não utilização desse protetor. Dentre os participantes do estudo, 31 (67,7%) pescadores relataram que veem importância do uso. Alguns acreditam que os anos de exposição de alguma forma os protege de futuros problemas na pele, conforme fala de P28: “Já sou acostumado com sol na pele”. Alguns não usam por esquecimento (16,1%), lembram-se quando já saíram de casa. Outros, por trabalharem a maior parte do tempo à noite (6,5%), pelo alto preço do produto (6,5%), que está muito acima do que poderiam pagar com a renda que ganham com a pesca, e por não estarem acostumados (3,2%).

Todos os entrevistados, quando questionados sobre a utilização de Equipamento de Proteção Individual (EPI), desconheciam o significado das siglas. Depois de explicado, 28,6% disseram não utilizar, e os 71,4% restantes disseram utilizar, mas de forma parcial, ou seja, ora utilizam luvas, ora utilizam botas. Os EPIs, de acordo com os relatos não são utilizados com frequência. Um dos pescadores afirmou que o uso de luvas de borracha, por exemplo, atrapalha a sensibilidade no contato com o peixe: “*Tem que ter contato pra remover o peixe. Pescador confia muito em si mesmo*”. (P7) Poucos costumam ter coletes, sinalizadores ou outros equipamentos que possam auxiliar nos casos de emergência.

Os principais EPIs utilizados, segundo as informações obtidas, são botas (54,3%), macacão de oleado (34,3%) e luvas de borracha (28,6%).

Os EPIs são definidos como todo dispositivo ou produto, de uso individual utilizado pelo trabalhador, destinado à proteção contra riscos capazes de ameaçar a sua segurança e a sua saúde.¹⁰ Na população de pescadores, contudo, o uso de EPIs é um recurso pouco explorado, principalmente entre pescadores artesanais, onde não há compromisso entre empregador e empregado, e o uso de EPIs, portanto, é de total responsabilidade do próprio pescador.

Dentre os EPIs a serem adotados pelo pescador artesanal, segundo o Ministério do Trabalho e Emprego, estão: colete salva-vidas, chapéu de palha ou boné, alicate pequeno (para retirada do anzol da própria pele), faca ou facão com bainha de couro, botas de borracha de cano longo (quando pisar no fundo do rio) e luvas grossas (para manusear peixes e cabos). Além do uso de protetor com Fator de Proteção Solar (FPS) 25. Em algumas regiões do país, onde pescadores pescam com linha de mão, recomenda-se utilização de um anel feito de câmara de borracha para proteger os dedos.¹

Os Equipamentos de Proteção Coletiva (EPCs), por sua vez, também devem ser utilizados. Nesse grupo, incluem-se o estojo de primeiros socorros e o bote salva-vidas.

O contato com ambiente insalubre é constante, já que a pesca é realizada na Baía. Assim, 85,7 % dos pescadores entram em contato com a água durante praticamente toda a

pesca. Alguns caícos ficam atracados no rio Maribondo, localizado próximo à colônia que deságua na Baía de Guanabara.

Em dias de maré baixa, alguns pescadores precisam entrar no rio com a água até o nível do joelho para empurrarem essa pequena embarcação até um nível em que seja possível remar. Assim, quando não estão utilizando EPIs, podem sofrer lesões, pois no rio há intenso despejo de lixo doméstico, inclusive garrafas de vidro e outros materiais perfurocortantes, como latas de alumínio.

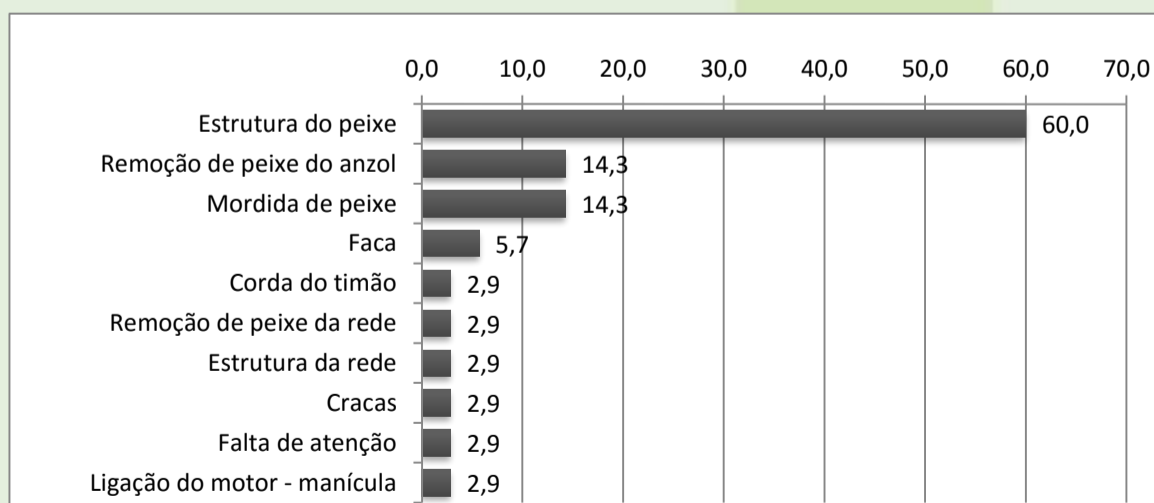
É sabido que o contato com a água contaminada pode trazer prejuízos à saúde dos pescadores. A alteração da qualidade da água não está somente ligada a aspectos estéticos, já que a água aparentemente satisfatória pode estar contaminada, ou seja, conter microrganismos patogênicos e substâncias tóxicas para determinadas espécies, passíveis de serem transmitidos, o que traduz o impacto fisiológico gerado.¹⁰

Várias doenças podem estar associadas à água, seja em decorrência da sua contaminação por excretas humanas ou de outros animais (rota fecal-oral) ou pela presença de substâncias químicas nocivas à saúde humana.¹¹

Como esperado, os casos de ferimento entre os pescadores são muito comuns. Dos 35 entrevistados 91,4% afirmam já ter sofrido algum ferimento durante a atividade pesqueira nos anos de profissão. Não houve pescadores com lesões significativas durante a realização da pesquisa. Todavia, alguns apresentavam cicatrizes decorrentes de ferimentos de causas variadas durante a pescaria.

Há casos de ferimentos mais simples com o próprio anzol e facas, mas há casos mais graves, como, por exemplo, um pescador que se feriu com estrutura do peixe Bagre e ficou internado no hospital por um mês. As principais partes do corpo atingidas são as mãos (80%), seguidas de pernas (17,1%), braço e pés (5,7%), rosto, regiões variadas e joelho (2,8%). Como principais causas de ferimentos, destacam-se estrutura do próprio peixe (60%), remoção de peixe do anzol (14,3%) e mordida de peixe (14,3%), conforme Gráfico 2.

Gráfico 2: Distribuição dos pescadores segundo principais causas de ferimento



Nesse sentido, um estudo sobre acidentes de trabalho em pescadores do rio Araguacema, em Tocantins, revela que a principal causa de acidentes deve-se à lesão por animal do ambiente aquático no momento da retirada do peixe do anzol ou rede, sendo membros inferiores e superiores as partes do corpo mais atingidas.¹¹ Constrangimentos físicos

do corpo por meio de feridas ou lesões superficiais também foram apontados como uma das principais causas de acidentes com pescadores em estudo internacional realizado em Portugal.¹²

A maioria dos pescadores participantes do estudo afirmou que, ao se ferirem, optam por não fazer nada (22,9%), outros (17,1%) dizem que assim que chegam da pesca lavam o local do ferimento com água e sabão. Nos casos mais graves, se dirigem ao posto de saúde (8,6%) ou ao pronto-socorro (8,6%).

Nota-se ainda a aplicação de diversas substâncias tradicionalmente utilizadas pelo saber popular, como pó de café (2,9%), secreção do olho do bagre (2,9%) e água da praia (8,6%). Tais substâncias não possuem comprovação científica no processo cicatricial, podendo prejudica-lo e favorecer a contaminação da ferida por patógenos presentes na água.

Infecções cutâneas causadas por espécies de *Vibrio* instalam-se após exposição a ambientes aquáticos, e as lesões começam com feridas pequenas, às vezes já preexistentes, ou por meio de lacerações causadas por acidentes no local de trabalho. Há descrições de casos de lesões sépticas superficiais, cujos pacientes foram expostos ao ambiente marinho ou outras superfícies aquáticas, e dos quais foram isoladas várias espécies de *Vibrio*, constituindo mais um indício do possível papel patogênico dessa bactéria. Muitas dessas lesões cutâneas apresentam infecções mistas, podendo-se esperar que organismos ubíquos (Enterobacteriaceae) e comensais associados à pele (*Staphylococcus* e *Streptococcus*) estejam presentes em qualquer ferimento, não importando o local de contaminação.¹³

CONCLUSÃO

As precárias condições de trabalho dos pescadores da comunidade Cassinú apontam para riscos de ferimentos e contaminação deles por microrganismos presentes na água contaminada pela não utilização ou utilização parcial de EPIs, más condições habitacionais, saneamento ineficaz, risco de danos à pele (pela exposição solar contínua sem a proteção necessária) e carga horária excessiva de trabalho. Tais condições são agravadas pela falta de proteção trabalhista em decorrência da informalidade do trabalho artesanal, baixa escolaridade e renda mínima obtida com a atividade.

Apesar da pesca ser historicamente uma profissão passada de pais para filhos, identificaram-se expectativas de mudanças na fala dos pescadores, o que denota a insatisfação com a profissão atualmente. Esse fato é corroborado pelo declínio das condições ambientais do local nas últimas décadas, em virtude do lançamento de lixo doméstico e de efluentes industriais na Baía de Guanabara e rios que ali desagüam.

Compreende-se que o verdadeiro profissional de saúde deve se comprometer com problemas mais abrangentes que envolvam questões ambientais, econômicas e sociais, constituindo-se em uma pessoa engajada na luta contra a (in) visibilidade social e pelo reconhecimento dos direitos da população brasileira.

Por conseguinte, pretendeu-se, com este estudo, contribuir para que enfermeiros e outros profissionais da área da saúde se preocupem com as populações que vivem à margem do desenvolvimento científico e tecnológico, para as quais a ciência é algo inatingível. Além de excitar novas investigações voltadas às condições de trabalho de pescadores, que gerem reflexões sobre possíveis estratégias educativas que favoreçam o engajamento desses trabalhadores na luta por melhorias na profissão, educação ambiental e saúde.

REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério do trabalho e Emprego. Normas Regulamentadoras de Segurança e Saúde no Trabalho - Norma Regulamentadora N°6. Equipamentos de Proteção Individual. Brasília: Ministério do trabalho e Emprego; 2011.
2. Brandão AA. Miséria da periferia: desigualdades raciais e pobreza na metrópole do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro (RJ): Pallas; 2004.
3. Filgueiras LAM, Druck G, Amaral MF. O conceito de informalidade: um exercício de aplicação empírica. Caderno CRH. [serial on the Internet]. 2004 [cited 2013 Nov 05];17(41), 211-29. Available from: <http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=16>
4. Oliveira RP, Iriart JAB. Representações do trabalho entre trabalhadores informais da construção civil. Psicol. estud. [serial on the Internet]. 2008 [cited 2013 Nov 05]; 13 (3):437-45. Available form: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000300004
5. Rosa MFM, Mattos UAO. A saúde e os riscos de pescadores e catadores de caranguejo da Baía de Guanabara. Ciênc. saúde coletiva. [serial on the internet] 2010 [cited 2013 Nov 25]; 15(Supl. 1):1543-52. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232010000700066
6. Grohmann PA. Hidroids (Cnidaria, Hydrozoa) of the intertidal zone of Governador and Paquetá islands, Guanabara Bay, Rio de Janeiro, Brazil. Iheringia, Sér. zool [serial on the Internet] 2009 [cited 2013 Out 2013] 99(3): 291-94. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/isz/v99n3/10.pdf>
7. Pereira E, Baptista Neto J, Smith BJ, Mcallester JJ. The contribution of heavy metal pollution derived from highway runoff to Guanabara Bay sediments - Rio de Janeiro / Brazil. An. acad. bras. ciênc. [serial on the Internet] 2007 [cited 2013 Out 2]; 79(4): 739 - 750. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/aabc/v79n4/a13v79n4.pdf>
8. Santos ES, Carreira RS, Knoppers BA. Sedimentary sterols as indicators of environmental conditions in Southeastern Guanabara's Bay, Brazil. Brazilian Journal of Oceanography [serial on the Internet] 2008 [cited 2013 Nov 02]; 56 (2): 97-113. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/bjoce/v56n2/03.pdf>
9. Fassarella SS. A Vez e a Voz de Mulheres que atuam na atividade da pesca da Vila São Miguel (RS): Trajetória e Perspectivas [dissertação]. Rio Grande do Sul (RS): Fundação Universidade Federal de Rio Grande; 2007.
10. Braga B. Introdução à Engenharia Ambiental. São Paulo (SP): Prentice Hall; 2002.
11. Baptista Neto JÁ, Wallner - Kersanach M, Patchinelam SM. Poluição Marinha. Rio de Janeiro (RJ): Interciência; 2008.

12. Jacinto C. Investigação sobre as causas dos acidentes de trabalho nas pescas. Portugal,. [serial on the internet] 2002 [cited 2012 Out 19]. Available from: <http://www.mutuapescadores.pt/new/noticias.php?pagina=noticiacat&cat=12&acao=corponoticia&codigo=140>.
13. Rodrigues SMA, Gonçalves EGR, Mello DM, Oliveira EG, Hofer E. Identification of *Vibrio* spp bacteria on skin lesions of fisherman in the country of Raposa-MA. Rev. Soc. Bras. Med. Trop. [serial on the Internet]. 2001 [cited 2013 May 18] 34(5):407-11. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0037-86822001000500002



Recebido em: 05/11/2014
Revisões requeridas: Não
Aprovado em: 17/09/2015
Publicado em: 07/01/2016

Endereço de contato dos autores:
Crystiane Ribas Batista Ribeiro
Avenida Augusto Rush, nº 45, bloco 13 apto 508. Colubandê.
São Gonçalo-RJ, Brasil
CEP: 24.451-650